

SOBREPOR OS PLANOS; REUNIR: PROPOSIÇÕES PARA UM MUNDO COMUM

Léo Karam Tietboehl¹

Resumo:

Produzido por uma hibridez entre palavras e imagens, este texto traz o registro de uma apresentação que propôs a reunião (de corpos, elementos, significantes ou imagens) como mecanismo que permite ou legitima processos de constituição de sentido e inteligibilidade – e também como o que articula, pelos liames que produz, um levante tanto quanto uma inscrição. Em afinidade com conceitos como só-depois, perspectivismo e sobrevivência, se indaga a suposta sucessividade de determinadas cadeias discursivas, introduzindo pelo ensejo da lógica anacrônica de um atlas as operações e as potencialidades de um fazer ficcional e das variadas formas de uma reunião. O argumento servirá para refletirmos sobre as possibilidades de compartilhar mundos por vir e compor alianças entre existências humanas e não-humanas na cosmologia da modernidade.

Palavras-chave: Reunião; Atlas; Assemblagem.

Resumen:

Producido por una hibridez entre palabras e imágenes, este texto es el registro de una presentación que proponía la reunión (de cuerpos, elementos, significantes o imágenes) como un mecanismo que permite o legitima procesos de constitución de sentido e inteligibilidad - y también como lo que articula, por los vínculos que produce, tanto una sublevación como una inscripción. En afinidad con conceptos como el après-coup, el perspectivismo y la supervivencia, se investiga la supuesta sucesión de determinadas cadenas discursivas, introduciendo las operaciones y potencialidades de lo ficcional y de las diversas formas de reunión ocasionadas por la lógica anacrónica de un atlas. El argumento servirá para una reflexión sobre las posibilidades de compartir mundos venideros y componer alianzas entre existencias humanas y no humanas en la cosmología de la modernidad.

Palabras-clave: Reunión; Atlas; Ensamblaje.

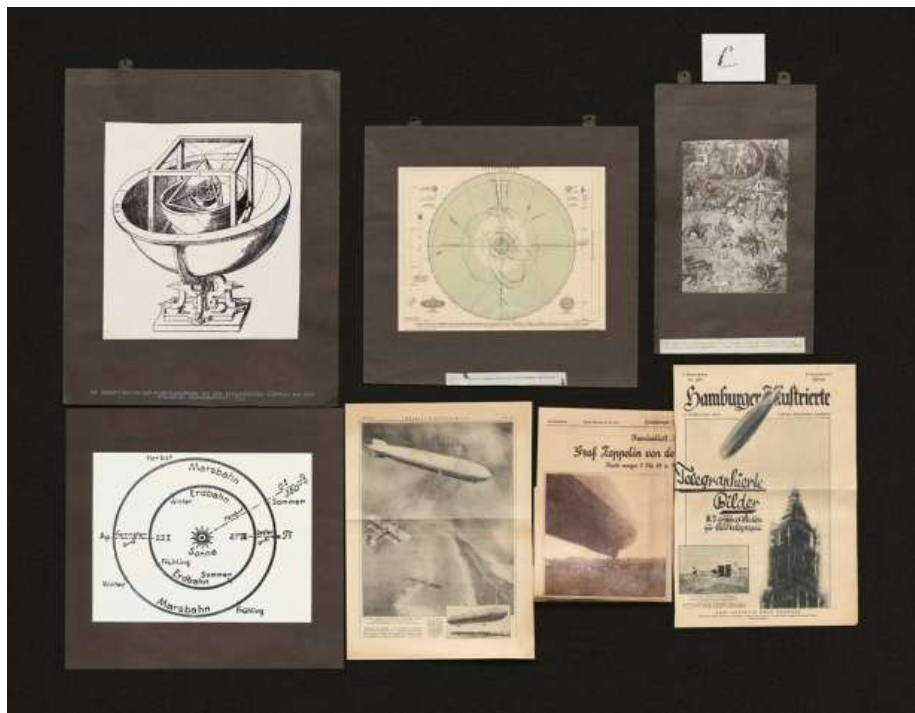
O texto que segue a partir do próximo parágrafo é a transcrição adaptada de uma breve apresentação realizada no Coloquio Internacional Cosmopolíticas II², no dia 18 de novembro

¹ Psicólogo, psicanalista, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS) e membro do Grupo de Pesquisa e Ecologia das Práticas (APPH-POA).

de 2020. Ao longo da apresentação, interpus uma série de imagens que procuraram ilustrar alguns trabalhos referenciados, além de esquemas imagético-conceituais de minha autoria que procuraram transmitir, entre imagens e palavras, alguns dos argumentos apresentados. Para começar, falaremos de um método.



Fig. 1: Atlas Mnemosyne. Foto: HKW



² Ver:

<https://www.youtube.com/watch?v=G2ejcKjYk38&list=PLhpD3izdSen6hPNeVES6vsK4Kl1w4AzBF&index=4>

Fig. 2: Atlas Mnemosyne – Detalhe. Foto: HKW

Entre 1924 e 1929, o historiador Aby Warburg começa a reunir imagens, desta maneira sistemática e em painéis, procurando por uma lógica de afinidade sempre provisória, que suspende qualquer catalogação que parta de períodos ou categorizações a priori da História. Essa obra, intitulada Atlas Mnemosyne, parece querer mostrar as intrinsecabilidades entre os processos fugidios da memória e as possibilidades de constituição de uma história. Convidando ao anacronismo, seus painéis parecem se construir menos a partir das premissas de uma historiografia tradicional e talvez mais por uma lógica de conjunto.



Enrolar a linha
para perceber
a sobreposição
de fontes: 12 e 47
num mesmo tempo,
no instante de ver.
as camadas do mesmo plano,
as escamas da mesma pele.

Fig. 3: Linha

É quase como se Warburg enrolasse uma linha do tempo, antes sectarizada e ordenada pelas distâncias temporais entre fatos selecionados por uma História³, e procurasse conectar em um mesmo plano os seus elementos.

³Utilizo o termo em maiúscula com os fins de indicar as tomadas de posição e perspectiva que se colocam em jogo junto à tarefa de registrar. Lembremos aqui o que Walter Benjamin disse, em suas *Teses Sobre o Conceito de História* (1940/1987), ao apresentar essa História que se registra como sendo algo, via de regra, produzido desde um ponto de vista daquilo ou daquele que vence. Tal constatação enseja a proposta de que pensemos a história por uma leitura que se faça a contrapelo, e que procure assim perceber os elementos que permanecem subjacentes à narrativa hegemonicamente estabelecida. Também Georges Didi-Huberman (2002), quando lê o atlas de Warburg procurando ressonâncias com o conceito de sobrevivência, encontra as dimensões do gesto, apontando para os acontecimentos que permanecem nos escombros de uma História e à espera da possibilidade de um encontro, a se dar já em outro tempo.

Talvez a proposta de um atlas de imagens soe quase banal nestes tempos, em que dispomos de ferramentas como o Google Imagens, mas entendo que por tais vias se apresenta um método de reunião muito importante, que desde a minha leitura permite encontrar conexões não tão usuais entre elementos. Entendo que uma forma de pensamento como a que Warburg propõe, desde a lógica de um atlas, pode permitir lógicas menos lineares e mais sistemáticas, por uma lógica afim talvez à dos conjuntos.

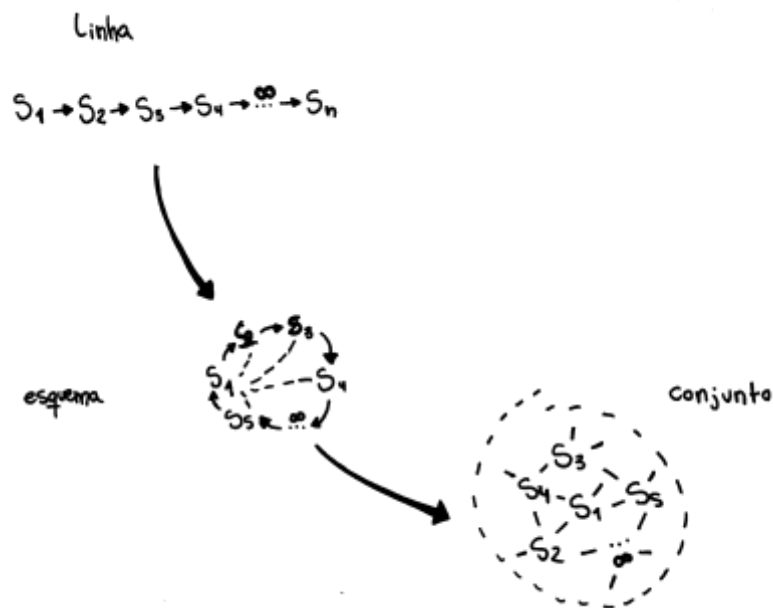


Fig. 4: Conjunto

A transposição da suposta ordinalidade de alguns elementos para uma lógica dos conjuntos convoca a uma cardinalidade; isto é, à consideração de que o encadeamento serial em um conjunto pode ser meramente acessório, ao invés de essencial⁴. Operar desta maneira permite também que entendamos as relações (humanas e não-humanas) por uma via destituída da relação causa-efeito. Quando não privilegiamos as dimensões cronológicas desta relação, podemos de fato pensar a causa como também um efeito, e vice-versa, trocando a expectativa de se estabelecer qualquer primazia pela compreensão de que o que acontece nessa relação é uma complementaridade; ou, diremos já ensejando uma conversa com Anna Tsing, uma codependência.

⁴Aqui se encontram talvez afinidades com as discussões de Georg Cantor (1874/2016) sobre a impossibilidade de se contarem os números de um conjunto real, bem como com as ocasiões em que Bertrand Russell e Alfred North Whitehead (1963) procuram balizar e representar, no campo de uma lógica matemática, os paradoxos de um conjunto. As propostas introduzem valiosas problemáticas para uma episteme quando destituem o imperativo de que se suponha uma sucessividade ao se trabalhar com a noção de infinito.



Fig. 5: Codependência

Quando a autora escreve sobre assemblagens, em *O Cogumelo no Fim do Mundo* (2015), ela traz a relação entre besouros, nematoides, árvores coníferas e os cogumelos Matsutake para dizer, muito inspirada pela proposição de Uexküll sobre a ideia de Umwelt, que essa reunião de elementos é o que pode produzir mundos. Ela conclui: “o Matsutake não pode ser entendido desprovido dos ritmos da floresta em que se encontra” (p.158, tradução livre).

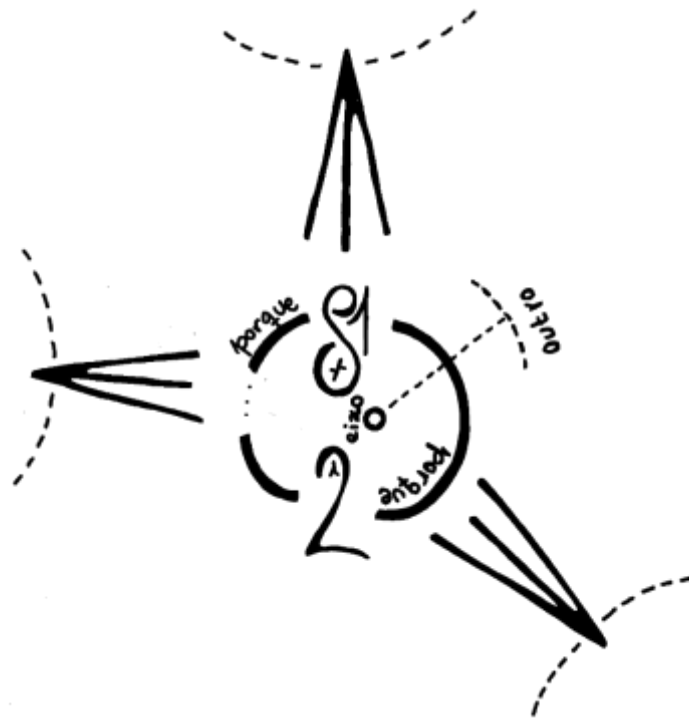


Fig. 6: O eixo; o outro

O conceito de assemblagem exige então, de pronto, o entendimento de uma codependência – no sentido de que não se pode entender um elemento destituído da conjuntura específica em que ele se insere.

Depois de escutar a apresentação da Alyne Costa (ver [<https://youtu.be/G2ejcKjYk38>], min: 0:02:15), fica ainda mais presente o quanto não há coerência que se possa esperarantes do acontecimento de uma reunião; e que será sempre necessário compor (se aliar quando possível) com as verdades que surgirão destes encontros de interesses singulares. Digo isso desde a perspectiva de alguém que perfaz um trabalho clínico e percebe um regime de verdade como algo que é sempre, inevitavelmente, atravessado pelo contexto dos dizeres pelos quais ele se apresenta.

É própria de um campo psicanalítico a premissa de um entrelaçamento entre a ficção e os regimes de uma verdade, conforme Jacques Lacan sinaliza manifestamente em um de seus seminários (1956-57/1995, p. 258-259) e faz operar de maneira nem sempre evidente ao longo de uma construção clínico-teórica. Por uma via do ficcional, é possível conceber discursividades que, enquanto constroem algo de um *comum* (seja através de uma retrospectiva, uma análise ou um prospecto), concomitantemente ensejam certa diferenciação pelas vias de uma singularidade da interpretação; isto é, permitem a invenção de inéditas perspectivas, associações ou constituições de sentido.

A ficção, essa que imagina mundos, é para mim o que permite mudanças de perspectiva ou posição como as que falamos aqui. Isso em alguns momentos pode significar precariedade, mas em outros também pode indicar uma potência, porque possibilita que nos desfaçamos dos regimes de um *a priori* previsível: é por tais vias que podemos também fazer invenções, ou propor desvios.

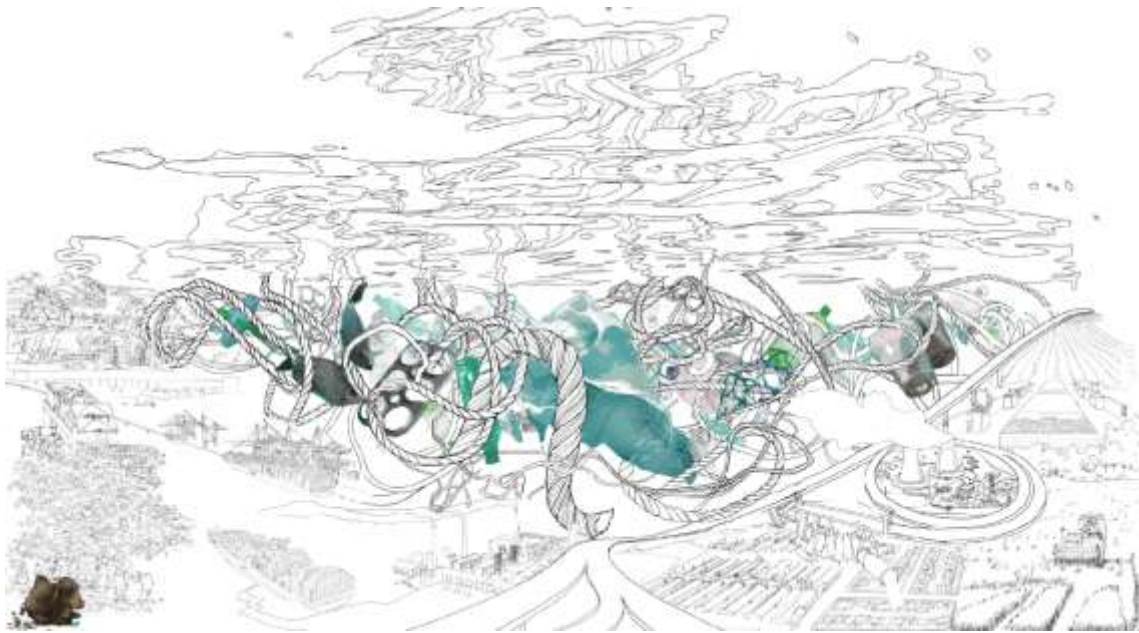


Fig. 7: Feral Atlas

Penso que a lógica de um atlas se abre para estas retomadas de um lugar ou de uma interpretação porque ela não exige, à instância que a experiência, que se assumam um ponto de partida ou de chegada. Quando funciona desta maneira, um atlas permite vetorizar linhas de conexão e camadas de sobreposição por uma forma menos usual ou preestabelecida. Nestes casos, me parece que os regimes verticais de uma verdade admitem os atravessamentos singulares e situados de uma ficção.

Por meios afins ao que se quer dizer aqui, Anna Tsing nos oferece recentemente, e junto a um grande conjunto de autorias, o *Feral Atlas*. Trata-se de um atlas interativo e digital que procura relacionar as narrativas, agências e interações multiespécies em um antropoceno mais-que-humano. O trabalho toma importância para os dizeres desta pesquisa porque ele inventa mais narrativas que operam não por uma reiteração da serialidade, mas por visões de mundo que se entendem construídas a partir da ideia de reunião.

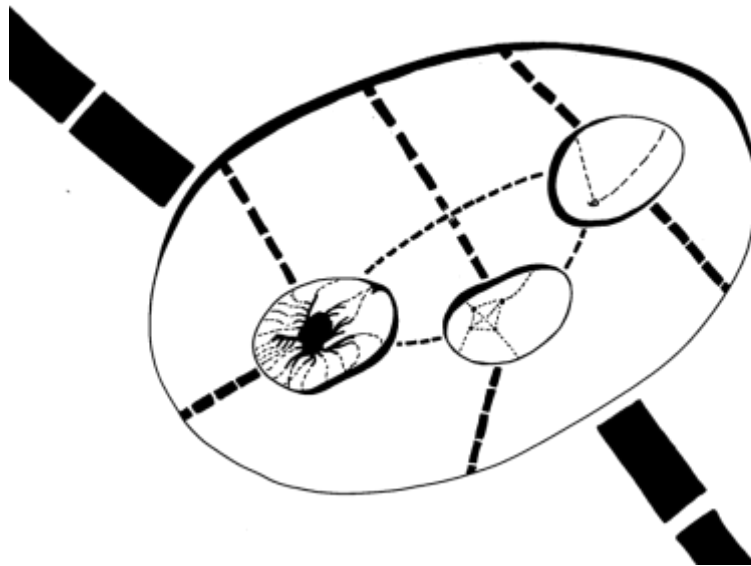


Fig. 8: Conjuntos; conjurações

Entendo que isso é o que poderá destituir a lógica de centralidade em uma cosmovisão moderna, bem como o que permitirá compor mundos que sejam mais comuns. E espero que isso nos permita também pensar através de outros sentidos, menos lineares ou sucessivos e mais dispostos a constatar as conexões que sideram em um entorno – como Aby Warburg enseja perceber através das ressonâncias que persistem nas sobrevivências da imagem, ou como Anna Tsing também nos dá a entender quando sugere o cheiro dos cogumelos matsutake e quando introduz outras formas de imaginar mundos.

Digo isso, por fim, à espera de que possamos acreditar em existências outras, sem que precisemos enxergá-las com os nossos próprios olhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENJAMIN, Walter. *Teses Sobre o Conceito de História*. In: **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (1940/1987) São Paulo: Brasiliense;

CANTOR, Georg. **On a Property of the Class of all Real Algebraic Numbers**. Tradução independente de Christopher P. Grant. (1874/2016) Versão Digital. Disponível em:

<https://srjcstaff.santarosa.edu/~jomartin/IrratFiles/Cantors1874Paper.pdf>. Acesso em: 23/02/2021;

DASQUESTÕES. *Sobrepór os Planos; Reunir: Proposições para um mundo comum*. Colóquio Cosmopolítica II: Tiempos de cosmopolíticas, tiempos de necropolíticas. **DASQUESTÕES** [Online] 18 de nov. de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=G2ejcKjYk38&list=PLhpD3izdSen6hPNeVES6vsK4K11w4AzBF&index=4>

DIDI-HUBERMAN, Georges. *L'Image Survivante*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002;

TSING, Anna. **The Mushroom at the End of the World: On the possibility of life in capitalist ruins**. Princeton: Princeton University Press, 2015;

TSING, Anna et al. **Feral Atlas: The More-Than-Human Anthropocene**. Atlas virtual publicado por Stanford University Press, Palo Alto 2017. Disponível em: www.feralatlansupdigital.org. Acesso em: 23/02/2021;

WARBURG, Aby. **Atlas Mnemosyne**. Obra em exposição virtual em Haus der Kulturen der Welt, Berlim. (1924-29) Disponível em: <https://warburg.sas.ac.uk/virtual-tour-aby-warburg-bilderatlas-mnemosyne-exhibition-haus-der-kulturen-der-welt>. Acesso em: 23/02/2021;

WHITEHEAD, Alfred North; RUSSELL, Bertrand. **Principia Mathematica 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1963;